

This transcript is also available in [English](#) and French.

**DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS E.U.A.
Gabinete do Porta-Voz**

Para Divulgação Imediata

3 de Maio de 2014

DECLARAÇÕES

**Secretário de Estado John Kerry
Discurso sobre a Política de "Compromisso com África"**

**3 de Maio de 2014
Jardim Botânico de Gulele
Adis Abeba, Etiópia**

SECRETÁRIO KERRY: Aleluia, estou-vos grato por esta introdução extraordinária. Obrigado por terem saído da cidade e vindo até à montanha. E é tudo tão belo. Este é um edifício extraordinário, e acabo de ter o prazer de ir à varanda e desfrutar do panorama. Segundo sei, este é o primeiro edifício ecológico, totalmente “verde”. Por esse facto felicito o Jardim Botânico de Gulele e, em particular, a Universidade de Adis Abeba. Obrigado, Sr. Presidente, pela sua presença. E obrigado a vós, todos vós, por terem subido a colina para se juntarem a mim nesta manhã. Vi alguns burros lá fora. Alguns de vós vieram de burro? (Risos). Mas há muitos autocarros e carros, e eu estou-vos muito, muito grato.

É bom voltar a Adis e quero agradecer ao Primeiro Ministro e -- ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Tedros e ao Primeiro Ministro Hailemariam -- as calorosas boas vindas. Desejo agradecer-lhes muito particularmente o extraordinário apoio aos esforços, relativamente não só aos nossos desafios na área do desenvolvimento e aos desafios da própria Etiópia, mas também aos desafios do Sudão do Sul, aos desafios da Somália e aos desafios de liderança no continente e não só.

Celebrei aqui na primavera passada o 50º Aniversário da União Africana, um momento apropriado para ressaltar o significado subjacente ao significativo emblema da UA, os círculos vermelhos que nos recordam todo o sangue derramado por uma África que é livre, bem como as folhas de palmeira que nos lembram que o sangue não foi apenas derramado pela liberdade mas também pela paz. E, também, o dourado, que simboliza a promessa de recursos naturais e o potencial económico. Hoje, tendo eu vindo até ao topo desta colina, é importante compreender como iremos cumprir a promessa de um outro símbolo da insígnia da União Africana: o anel verde que representa todas as esperanças e os sonhos de África.

São estes os sonhos que creio serem absolutamente realizáveis se estivermos todos juntos e preparados para fazer as opções certas. E trata-se de uma questão de opção. Não há um destino pré-determinado que nos empurra nesta ou naquela direcção; tudo depende da vontade do povo e da vontade dos líderes. Temos impreterivelmente de fazer a escolha que agarra o futuro e recusar ser arrastados para o passado.

Não tenho qualquer dúvida que este pode ser um ponto de inflecção para a nova África, um tempo e um lugar onde os africanos inclinam o arco da história em direcção à reforma, e não à retaliação; em direcção à paz e à prosperidade, e não à vingança e ao ressentimento. É importante aceitar – pelo menos eu penso ser importante aceitar com franqueza – que durante demasiado tempo os laços entre os Estados Unidos e a África advieram sobretudo da necessidade de dar resposta a desafios e crises em momentos específicos. Mas estamos a descobrir que, no início do século XXI, ambos desejamos uma relação duradoura e com bases mais sólidas, uma relação não reflectiva mas sim visionária e estratégica.

Para muitos americanos a África foi, durante demasiado tempo, um local distante no mapa, um destino de filantropia, uma imagem no ecrã da televisão, ocasional e pungente, de fome e de guerra, um local remoto e algo misterioso. O facto é que, hoje em dia, a África é cada vez mais um destino de investimento e de turismo americano e, cada vez mais, as instituições africanas estão a liderar esforços para a solução dos problemas africanos. Tudo isto realça a possibilidade de realização de grandes transformações, de que a prosperidade possa substituir a pobreza e a cooperação possa, de facto, triunfar sobre o conflito.

Mas, ao mesmo tempo que celebramos estes progressos, reunimo-nos num tempo de crise contínua. Os conflitos no Sudão do Sul, que visitei ontem, na República Centro-Africana, no Mali, na República Democrática do Congo, os acontecimentos a que acabámos de assistir na Nigéria, estes são alguns dos obstáculos que impedem milhões de africanos de realizar o seu pleno potencial. E que, em alguns locais, voltam a afundar o continente na turbulência do passado.

Quando contemplamos este panorama, há algumas coisas de que temos absoluta certeza: África tem os recursos, África tem a capacidade, África tem os conhecimentos. As questões que África enfrenta são semelhantes às que se colocam a países em todo o mundo: temos a vontade política, o sentido do objectivo comum, para fazer face aos nossos desafios? Estamos preparados para fazer as opções difíceis que esses desafios exigem?

Em última instância, o curso do continente está nas vossas mãos. Está nas mãos dos africanos. Mas acreditamos profundamente que os Estados Unidos são o parceiro natural de África. De uma coisa temos a certeza: os Estados Unidos podem ser um catalizador fundamental nessa transformação contínua do continente e o Presidente Obama está empenhado em colaborar nessa transformação.

Os Estados Unidos têm a benção de ser o epicentro mundial da inovação. Em África encontram-se muitas das economias de mais rápido crescimento do mundo. Não há limite para aquilo que podemos conseguir juntos, trabalhando em conjunto, cooperando, definindo uma estratégia, acordando numa visão do futuro e prosseguindo-a para um propósito comum. E embora nunca esqueçamos – nunca esqueçamos – que os nossos laços originais foram forjados em alguns dos capítulos mais negros da história humana, começaremos agora sobre fortes alicerces.

Estou certo de que alguns de vós observaram isso mesmo durante as vossas viagens, incluindo pelos Estados Unidos, espero. Quer seja em Little Senegal em Los Angeles, na comunidade somali em Mineápolis, ou na comunidade etíope em Washington, DC, os africanos estão a

contribuir para a riqueza cultural americana e para a solidez da nossa economia, bem como para os futuros capítulos da história americana. Chegou a altura de construirmos algo com base nesta ligação tão profunda; é altura de elevarmos estas ligações a um outro nível, investindo no futuro deste continente.

E quando sabemos, como sabemos de facto, que em 2040 a África terá uma força laboral mais numerosa do que a Índia ou a China, então é altura de passarmos a curva, de investirmos na educação de um grande número de jovens e do número crescente de pessoas que querem fazer parte desse futuro. É altura de construir uma interacção mais aberta de ideias e de informação, conducente à parceria e à inovação. A Iniciativa de Jovens Líderes Africanos, do Presidente Obama -- tive a oportunidade de conhecer alguns deles, virão a Washington em Agosto -- YALI, foi concebida para catalizar esta energia e é um exemplo de como alguns destes esforços já estão a ser desenvolvidos. A YALI está a levar a liderança e o estabelecimento de redes a milhares de jovens em todo o continente. E estou muito, muito satisfeito por saber que muitos dos que estão aqui hoje participam na YALI, e que quatro de entre vós se juntarão a nós este verão na qualidade de membros do primeiro grupo de bolseiros das “Bolsas Washington Fellowship” para Jovens Líderes Africanos.

Francamente, fiquei particularmente impressionado com uma das histórias destes jovens, a de Haleta Giday. Talvez porque Haleta é procuradora pública e eu também fui procurador no início da minha carreira. Mas ela licenciou-se na Universidade de Jimma, que, como todos vós sabem, é uma das melhores escolas da Etiópia. E a verdade é que ela poderia ter escolhido qualquer emprego lucrativo que quizesse, aqui mesmo, na capital. Em vez disso escolheu representar mulheres e crianças vítimas de violência. E quando Haleta viu quantas viúvas entravam em bancarrota após perderem os maridos, começou uma campanha para educar as mulheres sobre os seus direitos legais e financeiros.

Considerem o que Haleta testemunhou no decurso da sua curta existência: passou os seus primeiros anos de vida numa nação traumatizada pela fome. Hoje, em termos globais, a Etiópia é uma das economias em maior crescimento. Desde o primeiro dia de escola de Haleta, o número de governos democráticos em África triplicou. Desde que ela completou a escolaridade secundária, os activos bancários mais do que duplicaram. E desde que Haleta terminou a licenciatura universitária, o mercado de telecomunicações em África duplicou. Ela já viveu uma vida extraordinária e está a fazer um trabalho notável, aqui, na Etiópia. O que é ainda mais notável é ela ser um dos muitos jovens líderes em todo este continente que estão a provar o seu valor fazendo frente a alguns dos mais duros desafios.

Portanto, este é claramente um momento de oportunidade para todos os africanos. É também um momento de decisão, porque são as decisões que são tomadas ou as decisões que são adiadas que em última instância determinarão se a África explorará, ou não, o maior recurso natural do continente, que não é a platina, não é o ouro, não é o petróleo, mas sim o talento do seu povo. O potencial de África advém da capacidade de os seus cidadãos contribuírem plenamente, independentemente da sua etnia, independentemente de quem amam ou da fé que praticam. Este continente é forte devido à diversidade e ao dinamismo do povo. As nações africanas, tal como as nações de todo o mundo, são mais fortes quando os seus cidadãos têm uma palavra a dizer,

quando as vozes dos cidadãos podem fazer parte do processo político, ou quando participam no sucesso das suas nações.

Durante os próximos três anos 37 das 54 nações africanas realizarão eleições nacionais, incluindo 15 eleições presidenciais. Milhões de africanos irão votar e escolher os seus líderes em processos eleitorais livres e imparciais; isso terá um grande impacto e mostrará ao mundo quão poderoso é este momento para África. Essas eleições, digo-vos, são de uma importância fundamental. Mas as eleições não podem ser o único momento, a única oportunidade, de os cidadãos ajudarem a moldar o seu futuro. Se um cidadão tem uma voz no seu governo não apenas no Dia de Eleições mas todos os dias, e se pode, ou não, discutir, debater e dialogar sobre política com os seus concidadãos, todas as semanas e todos os meses, estas são as questões de fundamental importância para o futuro de África.

A União Africana está a trabalhar no sentido de dar uma resposta afirmativa a todas estas questões. “Boa governação, democracia e o direito ao desenvolvimento” são princípios consagrados nos direitos universais, e a carta de princípios da União Africana representa-os e reflecte-os. A UA tem feito grandes esforços para fazer ressaltar os efeitos corrosivos da corrupção, quer em praça pública, quer nos mercados. Para grande mérito da UA, esta divulgou que a corrupção custa aos africanos dezenas de milhares de milhões de dólares, senão mais. E esse dinheiro – todos vós sabeis que esse dinheiro podia ser aplicado na construção de novas escolas, novos hospitais, novas pontes, novas estradas, condutas, linhas de alta tensão. Assim, cada cidadão de África e de todas as regiões do mundo tem a responsabilidade de exigir que os dinheiros públicos sejam canalizados para providenciar serviços para todos e não para forrar os bolsos de alguns.

E é por isso que também é tão importante que todos nós, onde estivermos, no nosso país, no vosso país, ou em qualquer lugar, combatamos a corrupção pública e a corrupção nos mercados. A nossa cooperação é essencial para a protecção do crescimento económico partilhado por todos, de modo a dar oportunidade a todos os cidadãos africanos. E, como bem sabem, é difícil combater a corrupção. É preciso coragem. Por vezes tem os seus riscos. Mas o combate à corrupção faz elevar mais do que as finanças públicas de um país. A transparência e a responsabilização atraem mais investimento. A transparência e a responsabilização criam um mercado mais competitivo, onde as ideias e os produtos são julgados pelo mercado e pelos seus méritos, e não por acordos de bastidores ou por suborno. Garanto-vos, esse é um ambiente em que os inovadores e os empreendedores florescem.

Os Estados Unidos aprenderam pela sua própria experiência que o empreendedorismo é um motor essencial da prosperidade e da liberdade. É por esse motivo que o Presidente Obama lançou a Cimeira do Empreendedorismo Global, que este outono trará algumas das mentes mais brilhantes do mundo até Marrocos. No ano passado tive o prazer de estar presente em Kuala Lumpur nesse encontro, no mesmo encontro. E fiquei impressionado com os 15.000 jovens que gritavam como se estivessem num concerto de música rock, ou algo parecido, todos eles entusiasmados com a possibilidade de virem a ser, ou serem, o próximo Steve Jobs ou o próximo Bill Gates. Foi incrível sentir a sua energia e o seu entusiasmo.

E estavam todos interligados, todos aqueles jovens estavam interligados. Todas as pessoas do mundo partilham tudo com toda a gente, a todo o momento. E isso muda a política, muda o mundo dos negócios e muda as percepções. Muda os desejos, os sonhos e as aspirações. E todos os líderes políticos tem de estar atentos a essa realidade, porque foi isso que vimos na Tunísia, foi o que vimos no Egipto. É isso que continuamos a ver na Síria, onde os jovens saíram à rua exigindo um futuro.

Queremos contribuir para que todos os países possam dar aos seus jovens a capacidade de construir um negócio a partir de uma ideia. E sabemos, para além de qualquer dúvida, que os locais onde as pessoas são livres, não só de desenvolver uma ideia, mas de debater diferentes ideias, de transformar as melhores ideias em realidade, essas são as sociedades que têm maior sucesso. E este sucesso não é um mistério e não é algo difícil de conseguir se se fizerem as escolhas certas. Este sucesso é possível para toda a África. Esta nova África está ao alcance de todos. Mas não surgirá uma nova África se não se tornar uma África mais segura.

Em demasiados locais deste continente a falta de segurança, a ameaça de violência e de guerra aberta não deixam emergir os rebentos da prosperidade. O fardo das divisões do passado podem não desaparecer completamente, meus amigos. Mas não podemos permitir que elas enterrem o futuro. O compromisso da União Africana de silenciar as armas de África até 2020 é um objectivo ambicioso. É o objectivo certo. É uma visão pela qual vale a pena lutar e que faremos tudo no nosso poder para vos ajudar a alcançar. É por isso que continuaremos a providenciar apoio financeiro e logístico aos esforços liderados pela União Africana na Somália, onde o al-Shahaab se encontra sob grande pressão. É por isso que continuaremos a apoiar a Força Regional da União Africana contra o Exército de Resistência do Senhor, sendo que as mortes relacionadas com o ERS diminuíram em 75 por cento e centenas de milhares de pessoas voltaram a suas casas. E é por isso que estamos a trabalhar para reforçar as instituições da Nigéria e as suas forças militares no combate ao Boko Haram e à sua campanha de terror e de violência.

Deixem-me ser claro. O rapto de centenas de crianças pelo Boko Haram é um crime hediondo e faremos todos os possíveis para apoiar os esforços do governo nigeriano de fazer regressar estas jovens a casa e de levar os criminosos à justiça. Digo-vos, meus amigos, tal como vós vi estes flagelos do terror actuar em todo o planeta. Não oferecem nada a não ser a violência. Não oferecem um plano de saúde, não oferecem escolas. Não vos dizem como construir uma nação, não dizem como criarão emprego. Apenas dizem às pessoas: "Têm de agir da forma como vos ordenamos" e castigá-las-ão se o não fizerem.

A nossa responsabilidade e a responsabilidade do mundo é erguermos-nos contra este tipo de niilismo. Foi por essa razão que decidimos alocar até \$100 milhões para apoiar as forças da União Africana e francesas na República Centro-Africana, na resistência, bem como \$67 milhões em assistência humanitária. É também por isso que apoiamos plenamente o Processo de Paz de Referência e a liderança de Angola, bem como as outras 10 nações africanas, com o fim de resolver as causas profundas do conflito nos Grandes Lagos. Através do nosso Enviado Especial aos Grande Lagos, Russ Feingold, antigo Senador e meu amigo pessoal que nomeei, os Estados Unidos têm vindo a apoiar o florescente diálogo que actualmente decorre e já ajudámos a mediar

a desmobilização do M23. Estamos prontos para apoiar todos os esforços que ajudem as partes a permanecer no caminho da paz.

Ontem estive no Sudão do Sul. Estive lá aquando do nascimento da nação, na altura do referendo. Conheço o Presidente Kiir, conheço os desejos e as aspirações daquele povo. E ontem vi como uma nação que já teve uma visão esperançosa do futuro pode ser desafiada por ressentimentos antigos que degeneram em violência devido à ambição pessoal e à ganância, que são obstáculos às aspirações de todo um povo.

Exprimi a minha profunda preocupação ao Presidente Kiir sobre o assassinato deliberado de civis por ambas as facções do conflito e ele concordou em iniciar negociações para formar um governo de transição que possa fazer a nação recuar do abismo. Felicito-o pela vontade demonstrada em o fazer, e espero, tal como o mundo inteiro espera, vê-lo liderar o recuo da nação em relação a esse abismo. Telefonei também ao Vice-presidente, Riek Machar, e instei-o a fazer o mesmo, a vir a Adis Abeba no futuro próximo e a participar nestas conversações directas de forma a fazer com que o Sudão do Sul caminhe para o futuro a que tem direito.

Se ambas as partes não derem passos arrojados para pôr fim à violência, arriscam mergulhar o Sudão do Sul num desespero ainda maior e na fome. E a fome pode estar ao virar da esquina se nós próprios não passarmos essa esquina nos próximos dias. Se não fizermos a diferença agora mesmo, eles destruirão completamente aquilo pelo que afirmavam lutar. Ambas as partes têm de se esforçar mais para facilitar o trabalho dos que oferecem assistência humanitária. A ONU, a UNMIS e todas as organizações que providenciam assistência urgente devem ser apoiadas e protegidas e não demonizadas, como têm sido.

Mais uma vez todas as nações africanas estão a fazer grandes esforços para conseguir uma solução regional através da Comissão de Inquérito da UA e dos Mecanismos de Averigação e Monitorização do IGAD. E nos dias que háo-de vir continuarei o meu envolvimento pessoal com ambas as partes e é imperioso que ambas aceitem o Acordo de Cessação de Hostilidades e o implementem da forma mais completa possível. A comunidade internacional deve manter o seu compromisso com o povo do Sudão do Sul e ajudá-lo a ultrapassar este momento extraordinariamente difícil.

A prevenção de novos conflitos exige também que haja coordenação na resolução das causas do conflito, incluindo a insegurança alimentar e a fome e, obviamente, a pobreza. A África tem 60 por cento da terra arável do mundo. Pensem nisso. É uma oportunidade tremenda para o futuro, não só para alimentar os povos de África mas também para alimentar o mundo. Os Estados Unidos desejam ajudar a África a agarrar esta oportunidade através de investimentos em agro-empresas e em colheitas de maior produção e maior resistência aos extremos climáticos.

Através da Feed the Future, construída sobre os alicerces lançados pela União Africana em conjunto com o vosso próprio Programa Detalhado para o Desenvolvimento da Agricultura em África, os Estados Unidos estão a investir vários milhares de milhões na melhoria da qualidade das sementes, na melhoria dos métodos agrícolas, na protecção contra a erosão dos solos e na ligação entre pequenos agricultores e os mercados. Para salientar a importância destes compromissos, a UA declarou 2014 o ano da agricultura e da segurança alimentar.

Mas não será exagero dizer que o maior risco para a agricultura em África, e até para o nosso modo de vida, não só em África mas em todo o planeta, decorre da devastação potencial causada pelas mudanças climáticas.

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, partes de Mombaça, Dakar, Monróvia e dúzias de outras cidades costeiras podem ficar submersas em meados deste século. A produção da agricultura regada pelas águas pluviais, em algumas zonas de África, pode vir a diminuir em 50 por cento. Um número adicional de 100 milhões de pessoas, ou mais, viverá sem água, ou com maiores restrições de água, devido às mudanças climáticas.

Quando 97 por cento dos cientistas concordam que o clima está a mudar e que os seres humanos são responsáveis em grande parte por essa mudança, e que ela está a acontecer mais rapidamente do que o previsto, deixem-me que vos diga: precisamos de dar ouvidos a esses 97 por cento e precisamos de agir. E se este continente produz menos carbono do que praticamente qualquer outra nação, se o continente produz menos carbono do que praticamente qualquer outra nação, mas tem mais a perder com a mudança climática, é verdade que existe uma injustiça inerente a esta equação. E não pode haver dúvida sobre isto: a maior prosperidade de África vai exigir um maior fornecimento de energia. Portanto, os cidadãos africanos terão de se assegurar de que os erros que nós fazemos, os erros que outras nações desenvolvidas fizeram, não serão repetidos, que os erros que criaram este momento de urgência para o mundo não serão repetidos neste continente.

Os Estados Unidos querem apoiar os esforços de desenvolvimento de África de uma forma mais sustentável, e nós mesmos vamos também nessa direcção no sentido de diminuir as nossas emissões. E é por isso, como parte da arrojada iniciativa do Presidente, a Iniciativa Energética para África, uma parceria que fará reverter milhares de milhões de dólares para o sector de energia do continente, que estamos a trabalhar com programas como a Iniciativa EUA-África de Financiamento de Energia Limpa. Estamos a alavancar recursos públicos e privados para apoiar \$1 mil milhão de investimento em energias limpas por parte do sector privado. A mudança climática é um desafio global e vai ameaçar este continente e todos os continentes de formas profundas se não for enfrentado através de uma acção de cooperação a nível global.

Sim – faremos face a este desafio, recordando que já no passado nos juntámos para enfrentar uma crise inter-geracional sem fronteiras que, apraz-me dizê-lo, estamos a vencer. Assim, àqueles que sugerem que somos impotentes para combater a mudança climática aqui, em solo africano, recordem-lhes que já confrontámos exércitos de indiferença e negação na luta contra o SIDA.

Trabalhei com alguns de vós nesta batalha desde a década de 1990. Foi há 15 anos que fui co-autor da primeira legislação SIDA África, que mais tarde veio a ser a base do PEPFAR. Naquele tempo, aquilo que vi esta semana no Gandhi Memorial Hospital, que visitei há alguns dias, seria impensável. Devido ao empenho dos médicos e dos profissionais da saúde locais, e ao apoio sustentado do PEPFAR, diminuimos drasticamente o número de crianças pequenas infectadas com o VIH. E o facto é que conseguimos -- estamos -- penso que estamos, bem, 15.000 crianças recebiam medicação anti-retroviral em 2004. Hoje, há mais de 330.000 crianças que a recebem. O número de pessoas que vivem com o VIH foi reduzido em um terço. E é notável que

estejamos à beira de assistir à primeira geração de crianças nascidas sem SIDA devido ao que aprendemos sobre a forma como actuar.

Ontem – ou anteontem -- vi uma placa no hospital. Era – dizia: “A Etiópia e os Estados Unidos da América investem juntos num futuro saudável”. Meus amigos, aquela placa diz tudo. Diz-nos o que é possível, diz-nos o que estamos a conseguir juntos. Diz-nos o que é possível sempre que fazemos esforços conjuntos.

A realização do objectivo do Presidente Obama de uma geração livre de SIDA pode ter parecido o sonho mais distante. Digo-vos que o era então, quando começámos a falar em fazer alguma forma relativamente ao SIDA. Naquela altura era uma sentença de morte e, naquela altura, falar do assunto era quase uma sentença de morte para os políticos. Não queriam ouvir falar disso. Mas apesar das dificuldades que ainda estão para vir -- e ainda há dificuldades – esse objectivo está agora ao nosso alcance. Por isso, não deixem que alguém vos diga que não podemos fazer nada quanto à mudança climática ou a outros problemas.

De facto, e de tantas formas, a África está a mover-se. É por isso que o investimento está a vir para aqui de todo o mundo. A IBM investiu \$100 milhões em Big Data no continente. As iniciativas da IBM estão a ajudar os africanos a encontrar formas de racionalizar o trabalho das suas empresas e governos e a providenciar serviços mais eficazes e eficientes. A Microsoft está a investir naquilo que designa de “Mawingu”, a palavra swahili para núbem, para desenvolver computação e armazenagem em núbem no Quénia que podem ser alargadas a outras nações africanas. A Google está a considerar formas de desenvolver um espectro pouco utilizado de forma a facultar o acesso à Internet de banda larga a comunidades remotas.

E foi aqui, em Adis Abeba, que lançámos a revisão formal da Lei de Crescimento e Oportunidades para África (AGOA) com o fim de determinar para onde conduzir a AGOA no futuro. O Presidente Obama está empenhado numa renovação harmoniosa da AGOA na medida em que esta continuar a servir de ligação vital em ordem a facilitar o comércio entre os nossos países.

E digo o seguinte sem qualquer reserva: queremos mais empresas americanas aqui, a investir, quer para estimular o poder do sector privado em África, quer para, ao mesmo tempo, sim, criar emprego nos Estados Unidos. Já vimos isto acontecer várias vezes: quando ajudamos nações a voar com as suas próprias asas partilhamos do seu sucesso. Dos nossos 15 maiores parceiros comerciais actuais, 11 receberam assistência dos Estados Unidos no passado. Hoje são países doadores. É essa a transformação que é possível.

A transformação da situação de ajuda à de comércio tem sido um motor poderoso da prosperidade americana e até do crescimento global. Foi o que vimos acontecer em resultado das nossas parcerias com países da Europa pós-Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos ajudaram a reconstruir a Alemanha (inaudível) antes da guerra, ajudaram a reconstruir o Japão (inaudível) antes da guerra, ajudaram a reconstruir a Europa esmagada pela guerra. Vimos este mesmo tipo de ressurgimento na Ásia, onde o investimento e a parceria americana ajudaram a financiar o seu incrível emergir. E hoje, é isso que começamos a ver acontecer aqui em África.

Quando se diz que o tipo de desenvolvimento que aconteceu na Europa e na Ásia não pode acontecer aqui, nós discordamos totalmente: já está a acontecer. Os africanos estão a moldar o seu próprio futuro. Vocês mesmos estão a dar-lhe forma. E queremos partilhar o vosso esforço e ajudar a providenciar e a dar estímulo a uma prosperidade partilhada que chegue até esses milhões de jovens que necessitam de educação e de emprego. Essa é uma das razões pelas quais vim a Adis hoje e pelas quais viajarei pelo continente, desde o Corno de África à costa atlântica, durante os próximos dias.

Este é, portanto, um momento muito importante para vós e para nós. Este verão daremos seguimento ao trabalho crucial que desenvolvemos em conjunto com a Cimeira de Líderes Africanos. Esta será a primeira cimeira deste género. Nunca antes se viu tantos líderes de tantas e diversas regiões do continente africano juntarem-se com o Presidente dos Estados Unidos e líderes de provenientes de todos os sectores da sociedade americana vindos de todos os Estados Unidos. É um encontro histórico que corresponde à importância notável deste momento tão particular.

O tema desta Cimeira será “Investir na Próxima Geração”. E tenho o prazer de verificar que essa geração está tão bem representada aqui hoje com os mais jovens participantes da YALI que mencionei anteriormente. Este jovens líderes africanos são o futuro e devo dizer-vos que, quando anunciámos a YALI, ficámos impressionados com a resposta. Divulgámos esta ideia de convidar jovens líderes africanos para virem a Washington. E, imaginem, 50.000 jovens responderam ao convite e candidataram-se a fazer parte do programa. Só pudemos convidar 500. Portanto, o que precisamos de fazer é certificarmo-nos de que podemos chegar até aos outros 49.500 e a milhões para além deles.

É este o tipo de compromisso que inspirou o jovem Bobby Kennedy. Alguns de vós lembrar-se-ão de quando ele veio à África do Sul em alguns dos dias mais negros desse país. E ele desafiou a jovem assistência na Universidade da Cidade do Cabo a ter a coragem e a determinação para enfrentar os maiores desafios da sua geração. Ele afirmou: “O mundo exige as qualidades da juventude: não o tempo de vida mas um estado de espírito, um temperamento voluntarioso, um certo tipo de imaginação, a predominância da coragem sobre a timidez, do desejo de aventura sobre o gosto pelo que é fácil”.

É esse espírito, são essas qualidades, é esse desejo que vos garanto impulsionarão a próxima geração de africanos a fazer face aos grandes desafios da actualidade. E, à medida que o fazem, os Estados Unidos da América estarão junto deles, ligados por um futuro partilhado, um propósito comum e um destino partilhado.

E assim vos digo, obrigado. (*fala em outra língua.*) Muito obrigado. (Aplausos.)

###